

CINEDEBATE E QUESTÕES DE GÊNERO: O NEOCONSERVADORISMO NA ESCOLA

*CINEDEBATE AND GENDER ISSUES:
NEOCONSERVATISM IN SCHOOL*

Fernanda Carvalho de Azevedo Mello¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

RESUMO

Este artigo analisa o projeto de extensão CineDebate: Raça e Gênero na Escola (UFRPE), realizado entre 2016 e 2017 na Escola de Referência em Ensino Médio Cândido Duarte (Recife/PE), no contexto do avanço neoconservadorismo no Brasil. O projeto abordou curtas-metragens sobre temas sociais, com ênfase no ensino em gênero e raça. A partir da análise de questionários aplicados após as exibições, identificaram-se variações nas recepções dos estudantes, incluindo antagonismo frente aos temas de gênero. Essas reações foram interpretadas com base no conceito de "pânico moral", amplamente mobilizado para sustentar pautas conservadoras no ambiente escolar. Ainda assim, a pesquisa revelou uma aprovação majoritária dos filmes sobre gênero, destacando o impacto positivo do projeto na educação crítica. Conclui-se que os resultados oferecem subsídios relevantes para entender o alcance e as consequências do discurso anti-gênero na educação, e para reforçar o potencial do cinema como ferramenta pedagógica para promover reflexões críticas sobre questões sociais contemporâneas.

Palavras-chave: neoconservadorismo; escola; cinedebate; ensino em gênero; pânico moral.

ABSTRACT

This article analyzes the extension project CineDebate: Race and Gender in School (UFRPE), conducted between 2016 and 2017 at the Reference High School Cândido Duarte (Recife/PE), in the context of neoconservative advancement in Brazil. The project addressed short films on social themes, focusing on gender and race issues. Through antagonism mainly regarding gender themes. This reaction is interpreted in light of the the analysis of questionnaires applied after the screenings, a variation in student receptions was observed, with concept of "moral panic", mobilized to advance conservative agendas, reflecting in the school environment. Despite this, the study also reveals a majority approval of gender-themed films, highlighting the educational relevance of the project. It is concluded that the results remain significant for understanding the reach and consequences of anti-gender discourse in education, as well as the potential of cinema as a pedagogical tool to promote critical reflections on contemporary social issues.

Keywords: neoconservatism; school; cinedebate; gender education; moral panic.



INTRODUÇÃO

A influência da corrente neoliberal lançada durante os governos Thatcher-Reagan ainda ecoava fortemente na América Latina na segunda década do século XXI. Nossa história recente mostrava que a escalada neoliberal no continente foi acompanhada de rompimentos ou tentativas de rompimento político-econômicos de modelos desenvolvimentistas que levaram aos bons desempenhos sociais e econômicos também recentes na curta história "democrática" dos países da América do Sul (Wallerstein, 2003 *apud* Arrighi, 2003). No Brasil, as reformas de austeridade fiscal feitas após a deposição da ex-presidenta Dilma Rousseff – entre outras, podemos citar a aprovação da PEC 55 que congelou os gastos e investimentos públicos por 20 anos; a reforma trabalhista; a liberação da terceirização para atividades-fim; avanço nas privatizações de empresas estatais; e, mais recentemente, durante o Governo Bolsonaro, a reforma da previdência; a dissolução dos conselhos federais com participação da sociedade civil; a reformulação dos ministérios e secretarias, incluindo a extinção do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos e mesmo o Ministério do Trabalho — representaram verdadeiro recuo na oferta de serviços públicos e também no que concerne às garantias de direitos pelo Estado. Essa retração, contudo, esteve pautada, entre outras coisas, em discurso neoconservador "em defesa da família" e contra o ensino de conhecimento situado dentro das escolas, em especial contra o assunto gênero (Biroli, 2018a). Como veremos, a atmosfera no Brasil tornara-se inóspita aos debates feministas, à liberdade da mulher, ao conhecimento científico nas áreas de gênero e sexualidade, e ao pensamento crítico de forma geral.

Nesse contexto, o *Projeto de Extensão CineDebate: Raça e Gênero na Escola* foi idealizado como uma resposta à crescente necessidade de criar espaços de reflexão e diálogo sobre questões de raça e gênero no ambiente escolar. Realizado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e financiado pela PROEXT/UFRPE, o projeto foi desenvolvido entre 2016 e 2017 na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Cândido Duarte, situada no bairro de Dois Irmãos, em Recife, Pernambuco. A escolha de uma EREM como local de implementação foi estratégica, dado que essas instituições oferecem um modelo diferenciado na rede pública de ensino do estado, com educação em tempo integral e foco na construção do pensamento crítico.

A construção do projeto envolveu uma equipe multidisciplinar dedicada à seleção cuidadosa de curtas-metragens brasileiros que abordassem as temáticas de raça e gênero. A curadoria dos filmes visou não apenas representar a diversidade cultural, mas também provocar reflexões sobre as realidades enfrentadas por populações marginalizadas. As sessões de CineDebate foram estruturadas para promover um aprendizado

participativo e colaborativo, incentivando o engajamento ativo dos estudantes nas discussões pós-exibição.

A avaliação do projeto foi realizada de maneira contínua, considerando tanto a participação dos estudantes quanto as reflexões geradas durante os debates. Questionários aplicados após cada sessão permitiram coletar *feedback* dos participantes, possibilitando o aprimoramento constante das atividades e a garantia de que os objetivos de conscientização e promoção da igualdade fossem alcançados.

O bairro de Dois Irmãos, onde está localizada a escola, apresenta características sociodemográficas relevantes para compreender o contexto do projeto. Com uma população de 2.566 habitantes e uma taxa de alfabetização de 93,1% entre pessoas com 10 anos ou mais, o bairro reflete uma diversidade étnico-racial significativa: 55,53% se autodeclararam pardos, 35,39% brancos e 7,91% pretos. O rendimento nominal médio mensal dos domicílios de R\$ 1.936,10 indica um perfil socioeconômico de classe média baixa.

O público-alvo do projeto consistiu-se de 87 estudantes, apresentando uma diversidade significativa em termos sociodemográficos. A distribuição por sexo foi relativamente equilibrada (54% masculino, 46% feminino), com faixa etária entre 14 e 18 anos, predominando estudantes de 15 anos (58,5%). A composição étnico-racial do grupo espelhou a diversidade regional: 34,5% pardos, 29,9% brancos, 14,9% negros, além de representações de amarelos e indígenas. A maioria (51,7%) residia em Recife, com participantes também de cidades vizinhas. A diversidade religiosa foi notável, incluindo católicos (28,7%), evangélicos (13,8%), espíritas, adventistas, entre outros, com 20,7% declarando não possuir religião. Essa heterogeneidade foi fundamental para compreender as diferentes perspectivas na recepção dos filmes.

Neste contexto, o projeto de extensão ofereceu, como atividade extraclasse, a possibilidade de problematizar realidades sociais comuns aos(as) estudantes, facilitando a troca de ideias, a reelaboração de conceitos e o desenvolvimento do pensamento crítico. A metodologia consistia na exibição de curta-metragens brasileiros abordando temas raciais e questões de gênero, alinhados com o discurso antropológico de respeito à diversidade através da prática da alteridade (Geertz, 1999). Após as sessões, eram realizados debates abertos a todos(as) os(as) participantes, seguidos da aplicação de um questionário com questões objetivas de identificação e subjetivas sobre as opiniões acerca do filme.

A partir de uma análise preliminar do conjunto de questionários aplicados, foi possível concluir que houve antagonismo apenas na recepção aos curtas com temática de gênero. Entre os temas abordados - solidariedade, bullying, racismo, transexualidade, transfobia e feminismos - apenas os últimos três geraram comentários agressivos por parte de alguns(mas) estudantes. O foco deste artigo recai, portanto, sobre as opiniões de um grupo minoritário de estudantes que rejeitaram a temática

e a conscientização sobre questões de gênero, e seu objetivo é compreender as raízes e implicações dessas reações no contexto educacional e social mais amplo. Não deixaremos, todavia, de fazer um contraponto sobre a recepção positiva que essa temática específica e o projeto de extensão gerou na maioria dos(as) estudantes.

Além desta introdução, o presente texto está organizado em mais 4 seções. Na primeira, abordaremos o papel do cinema como um meio privilegiado para a reflexão crítica e sua capacidade de suscitar diferentes interpretações a partir de códigos sociais e culturais. Em seguida, falaremos sobre algumas características do neoconservadorismo que já vinha ganhando forças no Brasil desde a reeleição da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2014, e que culminaram em seu afastamento do cargo em 2016. Debateremos também como a escola está implicada nisso. Na terceira seção, conheceremos melhor os dados que nos permitiram apontar que nenhum outro curta, além dos que abordam diretamente questões de gênero, gerou antagonismos acentuados. Observaremos como esse antagonismo estava relacionado aos discursos conservadores em voga naquele momento - e que ainda persistem. Adiante, apresentaremos um olhar sobre os questionários positivos, e veremos que esses são maioria, revelando o potencial de diálogo deste tipo de atividade de extensão. Por fim, traremos algumas considerações finais e refletimos sobre a relevância de dados obtidos alguns anos atrás.

CINEMA E REFLEXÃO CRÍTICA: A RECEPÇÃO DAS IMAGENS E SUAS INTERPRETAÇÕES

No projeto de extensão e neste estudo, o cinema foi percebido como um meio privilegiado para criar oportunidades de reflexão, seja pessoal seja coletiva, ao transgredir ideias e refletir sobre problemas sociais por meio da dimensão artística e emocional. Trata-se de uma forma de “desaprender” (Fresquet, 2013) e de repensar noções pessoais e conceitos sobre os problemas sociais que vivenciamos cotidianamente. Mais que isso, as imagens interagem com os sentidos, a memória e a subjetividade. De acordo com Didi-Huberman (2012), a imagem “arde”:

Arde com o real do que [...] se acerrou (como se costuma dizer, nos jogos de adivinhações, “quente” quando “alguém se acerca do objeto escondido). Arde pelo desejo que a anima, pela intencionalidade que a estrutura, pela enunciação, inclusive a urgência que manifesta (como se costuma dizer “ardo de amor por você” ou “me consome a impaciência”). Arde pela destruição, pelo incêndio que quase a pulveriza, do qual escapou e cujo arquivo e possível imaginação é, por conseguinte, capaz de oferecer hoje. [...] arde por seu intempestivo movimento, incapaz como é de deter-se no caminho (como se costuma dizer “queimar etapas”), capaz como é de bifurcar sempre, de ir bruscamente a outra parte

(como se costuma dizer “queimar a cortesia”; despedir-se à francesa). [...] arde pela dor da qual provém e que procura todo aquele que dedica tempo para que se importe. Finalmente, a imagem arde pela memória, quer dizer que de todo modo arde, quando já não é mais que cinza: uma forma de dizer sua essencial vocação para a sobrevivência, apesar de tudo (Didi-Huberman, 2012, p. 216)).

O estímulo à reflexão crítica e à transformação da sociedade é também um preceito inerente às atividades de extensão. De acordo com Castro (2004), a extensão universitária está diretamente associada à relação entre conhecimento científico e demandas sociais. Quando utilizada em uma atividade desse tipo, o cinema tem a capacidade de superar a si mesmo enquanto método ou atividade educativa complementar, contribuindo para a formação de estudantes como agentes de mudanças políticas e sociais por meio do estímulo ao pensamento crítico. Esse foi o objetivo final de nossa empreitada na EREM Cândido Duarte.

Os questionários respondidos durante a execução do projeto referem-se, sobretudo, à percepção individual que cada estudante teve da obra apresentada e do debate subsequente. Trata-se de uma análise entre o que foi visto e como isso foi apreendido. Inevitavelmente, as informações contidas nos curtas-metragens e a forma como são interpretadas pelos(as) estudantes podem ser diferentes entre si. E foram. De acordo com Altmann (2008), essa variação nas percepções “leva em conta a relação entre o efeito social da obra e o horizonte de expectativa de seus destinatários situados historicamente, sem negar, entretanto, que as interpretações do texto sejam proporcionais à natureza de sua *intentio profunda*” (p. 614).

Através da análise das diferentes recepções contidas nesses questionários, foi possível fazer os apontamentos que este artigo discute. Ao buscarmos compreender como cada espectador(a) interpretou criticamente cada sessão do projeto de extensão, destaca-se a recepção distante (às vezes, muito) do que estava sendo proposto, o que reduz a potencialidade artística do cinema de inspirar à reflexão (Altmann, 2008). De acordo com a autora, a recepção pode estar relacionada ao contexto social no qual o(a) espectador(a) está inserido no momento em que assiste à obra:

O efeito artístico não estaria circunscrito nem à essência da obra em si nem a uma disposição estável do que se chamou “natureza humana”, mas a modos de relação dos homens com os bens culturais, cujas características variam de acordo com os contextos sociais, as disposições de produção e as classes sociais. Assim, a recepção cinematográfica pode ser percebida a partir de códigos sociais que regem sua circulação (Altmann, 2008, p. 615).

Portanto, é importante considerar o contexto social, político e cultural em que a crítica é elaborada pelo(a) espectador(a) para compreendê-la de forma plena. O que ocorre em nossas vidas e na sociedade interfere diretamente nas interpretações que fazemos de uma obra cinematográfica.

Frente à guinada conservadora que se desenhava no Brasil, busca-se aqui avaliar criticamente, contextualizar e articular a objeção de alguns(mas) estudantes em relação aos curta-metragens que abordavam a temática de gênero.

A “FAMÍLIA” E A INVESTIDA NEOCONSERVADORA CONTRA OS ESTUDOS DE GÊNERO EM SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA

A guinada conservadora no Brasil, evidenciada durante o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff em 2016, trouxe à tona uma retórica centrada na "defesa da família tradicional". Esse discurso, amplamente utilizado por parlamentares da oposição para justificar seus votos favoráveis à deposição, ilustra como muitos políticos contribuíram com fenômeno social mais amplo conhecido como "pânico moral". Trata-se de uma reação social desproporcional a uma ameaça percebida, frequentemente manipulada por grupos de interesse para promover agendas específicas (Balieiro, 2018). A votação na Câmara dos Deputados Federais em 31 de agosto de 2016, cujo resultado direto foi o afastamento de Dilma Rousseff da presidência da república, contribuiu com a percepção de que as famílias brasileiras estavam ameaçadas.

No contexto brasileiro, o pânico moral tem sido instrumentalizado para legitimar políticas conservadoras e deslegitimar discussões sobre gênero e sexualidade nas escolas. O movimento "Escola Sem Partido" e a retórica da "ideologia de gênero" são exemplos claros dessa estratégia. Estudos recentes (Santos; Fiamengue, 2023; Balieiro, 2018; Pinheiro-Machado; Scalco, 2018) apontam que essa narrativa foi amplificada por segmentos religiosos e conservadores, especialmente evangélicos e famílias tradicionais, ao longo da última década.

Esse cenário de tensão entre valores conservadores e progressistas se reflete diretamente na educação brasileira. A escola, como espaço de formação e debate, tornou-se um campo de disputa ideológica, em que a discussão sobre gênero e sexualidade é frequentemente vista como uma ameaça aos valores familiares tradicionais (Santos; Fiamengue, 2023). Compreender essa dinâmica é fundamental para analisar as complexas relações entre família, escola e as políticas educacionais no Brasil contemporâneo.

A FAMÍLIA E O NEOCONSERVADORISMO

O cuidar do modelo familiar ocidental vem sofrendo severas modificações desde que foi etnografado por David Schneider em 1968: a família nuclear até os anos 1960 encontrava sua base na heterossexualidade e na dominação da mulher, responsável pela boa condução do ambiente doméstico. De acordo com Joel Birman (2012), a família contemporânea,

por sua vez, tem como característica a desorganização desse núcleo: a mulher deixa o espaço doméstico para disputar um espaço no mercado de trabalho e contribuir com o sustento financeiro de sua família, precisando, assim, recorrer a arranjos alternativos para cuidar de seus filhos. A entrada da mulher para o mercado de trabalho possibilitou, entre outras coisas, uma nova posição socialmente reconhecida para as mulheres e popularmente denominada de "mães solo": mulheres com filhos fora do casamento ou mulheres que criam seus filhos sem a ajuda dos parceiros/pais. Elas inauguram novos modelos e arranjos familiares para dar conta do cuidado das crianças que não envolvem um parceiro: são avós, vizinhas, comunidades (Fonseca, 1999). A cisão entre as novas atribuições da mulher e sua antiga "vocação natural" de cuidadora da família — uma vez superada a tentativa de patologização dessa mudança pela psiquiatria e psicanálise — também abriu espaço para a institucionalização do cuidado. Em outras palavras, o cuidado, que tinha na família (na mulher) seu principal núcleo de realização, passa a ser um serviço oferecido constitucionalmente pelo Estado, no caso do Brasil. Escolas e creches assumem parte significativa na educação e no cuidado de bebês, crianças e adolescentes e possibilitam a permanência das mulheres no mercado de trabalho.

Quando os deputados votaram a favor da "família" referiram-se a um modelo de família nuclear específico, o de "famílias funcionais", que garantiriam a ordem moral e a segurança. Nessa idealização, os diferentes membros dessa família assumem papéis específicos inspirados no modelo dos anos 1960. Papai, mamãe e filhinhos. Família heterossexual. Filhos heterossexuais. O homem-pai como o chefe da família, detém o poder financeiro e o domínio do espaço público. A mãe-mulher como a única responsável pelo trabalho reprodutivo, deve ser doméstica, afetuosa e submissa ao seu marido e criar os filhos para reproduzirem esse modelo. Em outras palavras, o impeachment da ex-presidenta Dilma foi justificado no desejo de regressão em direitos e liberdade da mulher no mercado de trabalho e na avidez da defesa da heterossexualidade em seus binarismos. Esse cenário ilustra claramente como o pânico moral foi instrumentalizado para promover uma agenda conservadora, utilizando a "defesa da família" como justificativa para retroceder em conquistas sociais.

O modelo de governo do ex-vice de Dilma, Michel Temer, que se seguiu ao afastamento da presidenta, evidenciou como a implementação da lógica de mercado dentro do Estado — não pela primeira vez na história do país, certamente — valia-se de valores conservadores para se legitimar. A retração nos serviços públicos oferecidos e a redução da permeabilidade do Estado incentivava a privatização do cuidado, numa tentativa de recolocar as famílias enquanto núcleos de gestão do cuidado necessário para a manutenção da vida (Biroli, 2018b). Somado a esse aspecto, a percepção de que mulheres teriam uma predisposição natural — ao invés de uma acomodação (quase sempre) não-voluntária histórica

nessas funções — para esse tipo de trabalho, inaugurou-se um caminho para o atual retrocesso que vivemos quanto aos espaços conquistados pelas mulheres na última década. A crise econômica causada pela pandemia de Covid-19 — e por sua má gestão no Brasil — afetou as mulheres de forma desproporcional. Após um ano de pandemia (2020-2021), elas perderam espaço expressivo no mercado de trabalho: enquanto a taxa de desemprego no Brasil girava em torno de 14,7%, entre as mulheres o percentual era de 17,9%. Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), foram criadas 230,2 mil vagas de trabalho para homens e eliminados 87,6 mil empregos formais para as mulheres. O trabalho doméstico — especialmente do tipo não-remunerado —, por outro lado, aumentou (ainda mais) para elas. De acordo relatório da Sempreviva Organização Feminista (SOF) e da Gênero e Número, 50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém na pandemia.

O ESCOLA SEM PARTIDO

Além do pânico moral gerado pelo incentivo ao medo do desvirtuamento e fim da família, observou-se, durante o mesmo período, a defesa por uma escola técnica, neutra de posicionamentos políticos ou críticos. O Projeto Escola Sem Partido foi — ainda que não estivesse totalmente superado no momento da escrita desse artigo — uma tentativa de despolitização da escola e do conhecimento (Balieiro, 2018). Essa iniciativa se baseia na premissa questionável de que existiria uma doutrinação ideológica nas escolas, especialmente de cunho esquerdista.

O "Escola sem Partido" é uma entidade que se posiciona contra essa suposta doutrinação, defendendo uma educação que, segundo eles, não incluiria viés político. No entanto, é importante notar que os sujeitos por trás dessa iniciativa são, em grande parte, grupos conservadores que buscam promover uma agenda que limita a discussão de temas como gênero, sexualidade e política nas salas de aula (Batista *et al.*, 2019). O Escola Sem Partido foi defendido pela posição partidária e social da direita e extrema-direita, que advogavam a favor de "uma escola neutra de influências partidárias e ideológicas" (Mello, 2018, p. 9).

Essa iniciativa representou um levante conservador contra todos os conhecimentos situados, especialmente os que são produzidos dentro das humanidades e questionam ordens hierárquicas tradicionais. As agendas contrárias à igualdade de gênero proposta pelos movimentos feminista e LGBT está fundamentada no combate ao entendimento de que gênero, sexo e orientação sexual são determinações sociais, culturais e históricas, e não naturais, biológicas e tampouco fisiológicas (Scott, 1990). E para enfrentar a 'deturpação das determinações naturais', o Escola Sem Partido criou seu vilão, a "ideologia de gênero", que precisava ser derrotado para preservar a moral, os bons costumes, a ordem social e a família heteropatriarcal do povo brasileiro (Biroli, 2018a).

Segundo Reis e Eggert (2017, p. 20):

A ampla disseminação da falsa premissa da 'ideologia de gênero', vista como a desconstrução dos papéis de gênero tradicionais e, por consequência, da família, dentro dos ambientes educacionais, despertou uma espécie de pânico moral, retrocesso e demonização do 'inimigo', quando o que se pretendia com a 'promoção da igualdade [...] de gênero e de orientação sexual' era simplesmente contribuir para 'a superação das desigualdades educacionais' que comprovadamente existem entre os gêneros, em consonância com as décadas de debates, acordos e políticas públicas estabelecidos democraticamente a fim de promover a equidade de gênero (Reis; Eggert, 2017, p. 20).

A articulação desse projeto no âmbito educacional e cultural pode ser contemplada em dois exemplos da história recente da educação no Brasil em que uma multidão se ergue "em defesa das crianças". A postura negacionista anti-gênero extrapola o ambiente escolar em direção à esferas culturais variadas: 1) ao dar relevância aos corpos sexuados, gendrificadas, e às suas performances de gênero enquanto questões políticas e éticas de relevância para a construção do sujeito, a filósofa americana Judith Butler (2016) fez disseminar a percepção de fragilidade de sistemas ocidentais conhecidos e basilares, como o da heterossexualidade compulsória e o binarismo de sexos e gêneros, questionando as fronteiras do que era visto como natural. Em uma visita ao Brasil, em novembro de 2017, a filósofa foi alvo de protestos inspirados em tempos sombrios para mulheres com conhecimento: conservadores queimaram uma imagem de Butler em frente ao local onde lançaria seu novo livro. Os manifestantes, que empunhavam crucifixos, atearam fogo em uma boneca vestida de bruxa com o rosto de Butler aos gritos de "queimem a bruxa!". E 2) o protesto inspirado no *modus operandi* da Inquisição Espanhola foi precedido do cancelamento da exposição *Queermuseu — Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* em Porto Alegre por protestos "em defesa das crianças". Como se a censura não fosse absurda em si, o prefeito da cidade na época, Nelson Marchezan Jr. (PSDB) também se posicionou contrário à mostra, pois elas exibiam "imagens de zoofilia e pedofilia".

O que tomamos como relevante nessas duas situações é que as percepções de ameaça à "família brasileira", às crianças, e aos "bons costumes" foram atribuídas à politização da sexualidade e do conhecimento, e às conquistas dos movimentos sociais. Esses eventos ilustram claramente como o pânico moral foi instrumentalizado para promover uma agenda conservadora, utilizando a "defesa da família" e a "proteção das crianças" como justificativas para censurar e limitar discussões sobre gênero e sexualidade.

Dessa forma, o Escola Sem Partido também supõe a necessidade de incluir nas normas educacionais o direito dos pais de educar seus filhos de acordo com seus "valores morais" e "crenças particulares". Esse

argumento, no entanto, contraria o que diz a Constituição Federal, Art. 205, que estabelece que "a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (Brasil, 1988). O Estatuto da Criança e do Adolescente, Art. 53, de forma similar, também reconhece a educação e o acesso ao conhecimento como um direito assegurado à essa população (Brasil, 1990). Tratados internacionais dos quais o Brasil é signatário também versam nessa direção (Mello, 2018).

claramente, o escopo previsto na Constituição, como demonstrado, não prevê a possibilidade de ofertar um menu de conhecimentos mais ou menos permitidos, passíveis de censura por pais, igrejas ou políticos. Mas era isso o que propunha o Escola Sem Partido: a parcialidade que deveria ser combatida era aquela que levava à sala de aula perspectivas críticas ao sistema vigente e às desigualdades sociais (Biroli, 2018a). Essa entidade se insere em um contexto mais amplo de polarização política, onde a educação é vista como um campo de batalha ideológico.

Apesar de ter sido julgada a inconstitucionalidade desse projeto pelo Supremo Tribunal Federal, Pernambuco foi um dos estados em que parlamentares conservadores tentaram emplacar a expressão como uma ameaça ou, pior, em forma de lei estadual e/ou municipal. Nesse cenário, a EREM Cândido Duarte não encerrou projetos que abordassem gênero na escola conquanto estivemos nela para a atividade de extensão. Contudo nem todos os estudantes, como veremos a seguir, eram favoráveis a essa postura.

Nos discursos que encontramos nos questionários de nosso caso particular e que são avessos a temáticas de gênero durante a execução do *Projeto de Extensão Cinedebate: Raça e Gênero na Escola*, observamos associações entre feminismo e pedofilia, defesa de salários menores para mulheres por engravidarem, a defesa dos papéis tradicionais de gênero a fim de evitar a "desordem total", afora o pânico em torno de uma noção deficiente sobre socialismo e comunismo. Essas respostas dos estudantes refletem claramente o pânico moral instaurado, demonstrando como as narrativas conservadoras penetraram no ambiente escolar e influenciaram as percepções dos jovens.

A reflexão acerca dos sentidos desses antagonismos levou-nos a fazer associações, através da similaridade entre os discursos, com a guinada conservadora que o país vem enfrentando acentuadamente desde 2014 (Biroli, 2015), sendo possível identificar como os mecanismos operadores do neoliberalismo se valem desses valores arcaicos para implementar e justificar a ausência do Estado em algumas esferas públicas, especialmente às relativas à conquista de direitos da mulher e de pessoas LGBTQIAPN+. O conservadorismo político alcançou a escola por meio da ideologia do Projeto Escola Sem Partido, dificultando em muitos lugares o debate das noções de gênero dentro das humanidades e criando ambientes hostis

para educadoras/es dentro da escola. Diversas estratégias foram adotadas para coibir a disseminação do conhecimento, como nos contam Reis e Eggert (2017)

Utilizou-se também de uma espécie de terrorismo moral, atribuindo o status de demônio às pessoas favoráveis ao respeito à igualdade de gênero e diversidade sexual na educação, além de intimidar profissionais de educação com notificações extrajudiciais com ameaça de processo contra quem ousasse abordar esses assuntos na sala de aula. Criou-se um movimento para “apagar” o assunto gênero do currículo escolar. Utilizou-se de uma ideologia no sentido de uma “crença utilizada para o controle dos comportamentos coletivos”, podendo ser “uma crença totalmente infundada” (Reis; Eggert, 2017, p. 18).

Este fenômeno sugere uma resistência a novas formas de subjetividade política que emergiram nas últimas décadas, especialmente após as mobilizações de 2013. Nesse contexto, nossa prática extensionista buscou enfrentar esse fenômeno de pânico moral através do diálogo aberto e da apresentação de perspectivas críticas, promovendo um espaço de reflexão e debate sobre questões de gênero e sexualidade, mesmo em um ambiente marcado por tensões e resistências.

A RECEPÇÃO DOS TEMAS CONTEMPLADOS E O ANTAGONISMO ÀS QUESTÕES DE GÊNERO: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DO PÂNICO MORAL

Esta seção visa compreender as objeções encontradas ao trabalharmos diversas temáticas dentro das questões de gênero. Inicialmente, apresentaremos de forma sucinta todos os curtas-metragens de outras temáticas cujos questionários não apresentaram sinais de divergências. Para este artigo, todo o material produzido por estudantes foi observado em conjunto, considerando suas respectivas temáticas. A recepção classificada como “antagônica” será exposta posteriormente, junto com a apresentação dos curtas-metragens de gênero.

As obras cinematográficas foram selecionadas com base em dois critérios: o primeiro determinava que o curta abordasse as questões contempladas no nome do projeto, isto é, relações raciais e questões de gênero; e o segundo critério priorizava a origem nacional dos filmes. De modo geral, foram exibidos curtas que trataram temas como racismo, solidariedade, bullying, feminismo e identidade de gênero. O quadro abaixo apresenta os curtas utilizados e seus respectivos temas:

Quadro 1. Temas e Filmes Exibidos

FILME	TEMA DO FILME
XADREZ DAS CORES	RACISMO E RELAÇÕES RACIAIS
SOCORRO NOBRE	DEPRESSÃO E SOLIDARIEDADE
A PESTE DA JANICE	BULLYING E SOLIDARIEDADE
A VISITA	IDENTIDADE DE GÊNERO
QUEM MATOU CRIS NEGÃO	VIVÊNCIAS TRAVESTIS
MULHERES INVISÍVEIS	DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Fonte: elaborado pelos autores.

AS NUANCES DE UMA RECEPÇÃO NÃO ANTAGÔNICA

Xadrez das Cores (Schiavon, 2004) enfoca o racismo da patroa branca. Cida, a empregada doméstica, suporta tudo em silêncio por necessidade financeira, até decidir se vingar através de um jogo de xadrez. O filme buscava despertar na audiência o incômodo e a insatisfação diante da discriminação étnica, possibilitando o debate sobre o preconceito racial e o trabalho doméstico na experiência dos(as) próprios(as) estudantes.

A recepção do curta foi unanimemente positiva. Todos(as) os(as) estudantes afirmaram em seus questionários ter apreciado o filme e considerado úteis tanto a obra quanto o debate suscitado. A análise da recepção deste curta-metragem e do tema do racismo, do trabalho doméstico e da divisão sexual do trabalho foi realizada de forma interseccional em um artigo anterior. As evidências indicaram uma boa recepção para o tema de combate ao racismo, embora as questões de gênero interseccionais não tenham encontrado a mesma facilidade de absorção:

Sobre os questionários respondidos após a exibição de *Xadrez das Cores*, notamos que o racismo ainda era invisível ou não existente para parte dos(as) estudantes, embora essa não fosse a posição da maioria. A intenção de trazer para sala de aula o debate sobre a interseccionalidade de discriminação não atendeu às expectativas, levando à conclusão de que, ao menos para essa turma, o racismo chamava mais atenção, independente da etnia, do que a discriminação de gênero, apontada apenas por duas estudantes do sexo feminino (Mello; Cardoso, 2017, p. 12).

Entretanto, a excelente recepção dos(as) estudantes à *Xadrez das Cores* não se repetiu para os filmes *Socorro Nobre* (Salles, 1995) e *A Peste da Janice* (Figueiredo, 2007). No filme de Walter Salles, Maria do Socorro Nobre, uma presidiária com depressão e desapego pela vida, tem sua perspectiva transformada ao trocar cartas com o artista polonês Frans Krajcberg, visto que sua chegada ao Brasil após a Segunda Guerra Mundial reavivou nele o desejo de viver. A história de Maria inspiraria a criação

da personagem de Fernanda Montenegro no aclamado longa *Central do Brasil*. Já em *A Peste da Janice*, acompanhamos o início de um novo ano letivo, onde Janice, filha da faxineira da escola e aluna novata, torna-se alvo de práticas de *bullying* por parte de suas colegas.

Uma análise detalhada dos questionários revelou nuances que sugeriam *desinteresse* em responder às perguntas entre todos(as) os(as) estudantes, mesmo entre aqueles(as) que afirmaram ter apreciado os filmes. O material não demonstrava engajamentos significativos com os temas, nem a favor, nem contra. O desinteresse manifestava-se principalmente devido à: 1) escassa possibilidade de estabelecer paralelos entre as vivências dos(as) estudantes e a vida da personagem principal (Socorro Nobre); e 2) saturação do discurso sobre *bullying* na escola (*A Peste da Janice*). Como observa Altmann, "é necessário buscar na obra aquilo que o destinatário encontra em referência aos seus próprios sistemas de significação e (ou) em referência aos seus próprios desejos e pulsões" (2008, p. 614).

GÊNERO E A INCOMPATIBILIDADE TEMÁTICA: MANIFESTAÇÕES DO PÂNICO MORAL

Em *A Visita*, dirigido por Leandro Corinto e produzido pela Equipe 20, conhecemos Matheus, uma criança negra que anseia rever seu pai após alguns anos. Para sua surpresa, seu pai havia passado por uma adequação de sexo e agora assumia visivelmente sua transexualidade. *Quem Tem Medo de Cris Negão* é um curta-documentário que apresenta depoimentos de pessoas que conheciam 'Cris Negão'. Cristiane Jordan, travesti e cafetina conhecida por seus métodos e abordagens violentas para controlar outras travestis em contexto de prostituição no centro de São Paulo, foi assassinada com três tiros no rosto em 2007. *A Visita* e *Quem Matou Cris Negão* foram exibidos em conjunto.

De modo geral, é possível afirmar que o tema foi bem recebido pela maioria dos(as) estudantes. No entanto, a presença de alguns sinais de intolerância e incompreensão não deve ser ignorada. Em outro artigo, identificamos barreiras, como a percepção entre alguns(mas) estudantes de que haveria uma escolha consciente na identificação com uma orientação sexual e/ou identidade de gênero específica, e que, se estivessem no lugar das personagens, "não seriam homossexuais" (Mello, 2018, p. 9). Os questionários revelaram que 57,90% dos(as) participantes confundiam homossexualidade e transexualidade, utilizando o primeiro termo como universal para todas as pessoas LGBTQIAPN+. Este dado por si só evidenciava a necessidade de persistir no trabalho com esses temas: ainda não havia fluência na linguagem necessária para combater preconceitos e violências cotidianas relacionadas a essas vivências, nem um entendimento da diversidade existente entre as diferentes pessoas LGBTQIAPN+. Observou-se também o uso do termo obsoleto "homossexualismo", com indícios de que sua utilização foi deliberada, partindo do entendimento

de que o sufixo -ismo carrega uma conotação patologizante - motivo pelo qual deve ser evitado.

Já naquele trabalho, apontamos a existência de um paralelo entre as barreiras de alguns(mas) estudantes aos temas de gênero e a disseminação da falácia da "ideologia de gênero", rebatida por conservadores com a proposta do Escola sem Partido. Acrescentamos agora, em consonância com Reis e Eggert (2017), que a percepção sobre essa suposta "ideologia" era de que ela promovia a destruição da família "tradicional", a legalização da pedofilia, o fim da "ordem natural" e das relações entre os gêneros, além de negar a existência da discriminação e violência contra mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, configurando uma prática intelectualmente desonesta.

Nesse contexto, a "Ideologia de Gênero" é percebida como uma ameaça a um modelo familiar específico que não admite variações. Não apenas pessoas LGBTQIAPN+ representam essas supostas ameaças em suas existências, mas a própria inserção da mulher no mercado de trabalho é vista como um fator que 'desestruturaria' esse modelo (Santos; Fiamengue, 2023). O movimento Escola Sem Partido, por sua vez, configurou-se como uma estratégia para deslegitimar o conhecimento feminista sobre gênero, sexo e sexualidade — justamente por desestabilizarem essas categorias —, propondo, em contrapartida, uma ofensiva conservadora contra os direitos de pessoas com gêneros e sexualidades dissidentes do modelo hétero-patriarcal. Essa ofensiva conservadora, alimentada pelo pânico moral, tem sido amplificada por segmentos religiosos e conservadores, como evangélicos e famílias tradicionais, especialmente durante a última década (Balieiro, 2018).

Mulheres Invisíveis, o último curta-metragem analisado é um documentário que aborda a divisão sexual do trabalho sob uma perspectiva feminista. O filme busca conscientizar o público sobre a persistente dupla jornada das mulheres, que, além de participarem do mercado de trabalho remunerado, também são responsáveis pelo trabalho doméstico não remunerado e frequentemente desvalorizado.

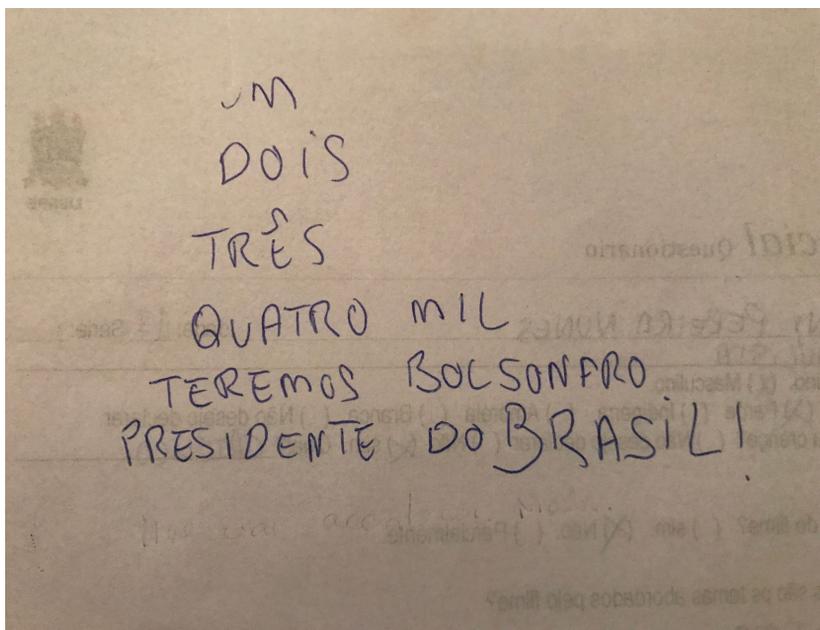
Embora a maioria dos estudantes tenha expressado aprovação pela atividade, é notável que mais de 40% dos participantes não tenham aprovado integralmente esta obra — representando o maior índice de rejeição entre todos os curtas exibidos. Esses alunos, predominantemente do sexo masculino, apresentaram respostas que variaram entre uma suposta equivalência entre feminismo e machismo, uma compreensão distorcida do papel do feminismo no mundo do trabalho, e tentativas de associar o feminismo ao socialismo e comunismo. Tais reações podem ser interpretadas como manifestações do pânico moral, evidenciando uma resposta desproporcional a uma ameaça percebida em relação às discussões sobre gênero e feminismo. Algumas das respostas mais contundentes incluem

1. "O que me chama a atenção é o fato de um movimento 'social' tão fraco ganhar discípulos, que em sua maioria parecem não possuir cérebro. Por favor lembrar que uma das mentoras do Feminismo, Simone (sobrenome francês) era uma pedófila. Vocês são repugnantes".
2. "Só vejo [pontos] negativos. Se possuem positivos é apenas algo utópico (normal de socialismo). Hoje em dia as feministas lutam por igualdade, principalmente social e trabalhista, mas parecem não ligar pro fato de que quando engravidam passam meses e meses recebendo salário sem trabalhar, diferente dos homens, que não recebem nada. Faça seu papel de mulher. Chega de querer fazer papel de homem. Assim, tudo ficará fora do lugar, desordem total".
3. "[Para as próximas sessões, sugiro] Algo que não remeta ao socialismo que destrói cada vez mais a família, o povo, o mundo. PS: Lembrar que os movimentos socialistas e comunistas nunca darão certo, nunca deram. Não deu na União Soviética, nem no comunismo chinês (com Mao-Tsé-Tung) e nem em Cuba (onde eles dominam - esquerda - cada vez mais o país, esse já destruído como qualquer país socialista, desde o ano de 1959, na Revolução Cubana".

A agressividade presente em algumas dessas respostas transcende a mera incompreensão temática, refletindo a reprodução de discursos de ódio político amplamente difundidos por figuras da extrema direita brasileira, incluindo políticos e influenciadores digitais. Essas estratégias visam promover o pânico moral, desvalorizar as mulheres — especialmente aquelas que lutam contra a desigualdade de gênero — e propagar uma visão distorcida do comunismo e dos movimentos sociais.

Esses discursos, que não beneficiam o conhecimento nem promovem o acesso igualitário a oportunidades e direitos, tornaram-se recorrentes nos debates políticos nacionais da época. Jair Bolsonaro emergiu como uma figura emblemática dessa retórica, sendo reconhecido como um símbolo da intolerância já em 2016 por estudantes do ensino médio. A menção ao seu nome por um aluno corrobora nossa análise anterior sobre a conexão entre o discurso local e o cenário político nacional mais amplo. A imagem abaixo é uma fotografia do verso de um dos questionários:

Imagem 1. Mensagem extra-questionário. 2016.



Fonte: arquivo pessoal

A relação entre as reações negativas aos filmes com temática de gênero e o fortalecimento do neoconservadorismo no Brasil, intensificado após o impeachment de Dilma Rousseff, alinha-se com a perspectiva de recepção fílmica proposta por Altmann. Segundo essa autora, a interpretação de uma obra cinematográfica está intrinsecamente ligada ao contexto cotidiano do espectador:

Por sua vez, ao recepcionar a obra, o crítico, que nada tem de passivo, a recria. [...] tal prática não está apenas na leitura posterior e prolongada da obra, mas em sua própria construção, baseada na percepção crítica de fragmentos da realidade. Tanto crítica quanto obra não se constroem fechadas em si, mas se referem e fazem parte de um mundo, de uma cotidianidade (Altmann, 2008, p. 215-216).

A associação dessa linha de pensamento com a figura do então deputado Bolsonaro proporciona insights sobre a trajetória política deste, observada através da perspectiva dos jovens que se identificavam com seu discurso. Assim, o projeto de extensão, embora concluído há alguns anos, mostrou-se relevante também na compreensão do papel que esses discursos contrários ao ensino de gênero nas escolas desempenharam — e ainda desempenham — na estratégia neoliberal e na disseminação de tendências fascistas no Brasil. Esse fenômeno pode ser interpretado como uma manifestação do pânico moral, no qual a retórica conservadora foi amplificada por segmentos religiosos e tradicionalistas, especialmente ao longo da última década (Santos; Fiamengue, 2023).

O neoconservadorismo entre os jovens pode ser entendido como uma adesão a valores e práticas que priorizam a moral tradicional e a defesa de uma agenda punitivista, especialmente em relação à violência

urbana e à corrupção. A pesquisa de Rosana Pinheiro-Machado e Lúcia Scalco (2018) no Rio Grande do Sul revela que, após a crise econômica e política que se intensificou a partir de 2014, muitos jovens, especialmente meninos, passaram a se identificar com figuras como Jair Bolsonaro, que simboliza essa agenda conservadora. Essa identificação é vista como uma resposta à desestabilização da masculinidade hegemônica e à perda de protagonismo social, na qual o tradicionalismo se torna uma forma de reafirmação de identidade em um contexto de crise. Os jovens, ao se distanciarem de movimentos progressistas e ocupações, que eram mais associados a uma luta por direitos e igualdade, passaram a buscar referências em líderes que prometem uma ordem moral e social mais rígida, refletindo uma transformação na subjetividade juvenil que se alinha com o neoconservadorismo.

No entanto, é fundamental ressaltar que, apesar das manifestações de antagonismo observadas, o projeto também gerou impactos positivos significativos. A análise dos resultados revela uma complexidade que transcende as reações negativas, demonstrando a importância de uma avaliação abrangente e equilibrada da iniciativa. Nesse sentido, a próxima seção se dedica a explorar os aspectos benéficos e a relevância educativa do projeto, oferecendo um contraponto necessário à discussão anterior e proporcionando uma visão mais completa dos efeitos do CineDebate nas escolas de Recife.

ASPECTOS POSITIVOS E A RELEVÂNCIA EDUCATIVA DO PROJETO

Embora o antagonismo em relação aos temas de gênero tenha se destacado em algumas respostas, é essencial reconhecer que a maioria das reações ao projeto de extensão *CineDebate: Raça e Gênero na Escola* foi amplamente positiva. Dados coletados indicam que mais de 67% dos(as) estudantes que participaram das sessões de exibição aprovaram os filmes que abordaram questões de gênero e sexualidade. Essa maioria expressiva demonstra que, para a maior parte dos participantes, a atividade não apenas foi bem recebida, mas também serviu como um importante instrumento educativo.

Os comentários refletem uma percepção crítica e empática dos(as) estudantes, evidenciando que os filmes promoveram uma reflexão significativa sobre temas como preconceito e discriminação. Um(a) dos(as) participantes destacou que o projeto "abre a cabeça das pessoas em relação às opções sexuais", enquanto outro(a) ressaltou que a iniciativa "educa as futuras gerações", tornando evidente o caráter formativo da experiência.

Além disso, muitos participantes demonstraram uma crescente consciência social ao relacionar o conteúdo dos filmes com suas vivências cotidianas. A percepção do preconceito, presente tanto na escola quanto em outros espaços sociais, foi mencionada por alguns(as) estudantes,

que pontuaram a recorrência de discriminação em seu ambiente escolar. Esse reconhecimento sugere que o *CineDebate* desempenhou um papel relevante ao criar um espaço de diálogo sobre essas questões e ao ampliar a compreensão sobre as diferentes identidades e experiências LGBTQIAPN+.

O impacto do projeto também foi sentido no campo emocional. Comentários que destacaram "o amor de pais e mães independente do que escolheram para a vida" demonstram uma internalização da mensagem de aceitação e respeito às escolhas individuais. A capacidade do cinema de suscitar empatia foi evidente, e muitos(as) estudantes afirmaram que não agiriam de forma diferente dos personagens retratados nos filmes, como notado por um(a) participante que declarou que aceitaria "tranquilamente" as decisões de identidade de gênero dos personagens.

Portanto, embora tenha havido reações contrárias, é inegável que a experiência, como um todo, foi marcada por uma recepção majoritariamente positiva. O projeto não apenas promoveu o debate sobre questões urgentes, como também contribuiu para a formação de uma consciência crítica e inclusiva entre os(as) estudantes participantes. Os resultados refletem o sucesso da iniciativa em fomentar a empatia e a compreensão em torno das temáticas de gênero e sexualidade, reafirmando a importância de projetos educativos que abordem essas questões de maneira sensível e reflexiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou, em um cenário mais amplo, os sentidos para um achado particular. Durante a execução do Projeto de Extensão Cinedebate: Raça e Gênero na Escola (UFRPE), curtas-metragens de diferentes temáticas foram apresentados e os(as) estudantes foram estimulados(as) a preencherem questionários para avaliar qualitativamente tanto a obra quanto a atividade. Quando analisado o conjunto de questionários produzidos, foi possível apontar que apenas curtas que trabalharam os temas de identidade de gênero, as vivências de travestis e feminismo a partir da divisão sexual do trabalho — que aqui nomeamos genericamente de 'questões de gênero' — foram recepcionados com alguma objeção.

Foi demonstrado como o cenário local refletia o contexto nacional e a investida da extrema-direita contra o progresso em direitos e liberdades dos movimentos feminista e LGBTQIAPN+, valendo-se do mecanismo da propagação do pânico moral. Este mecanismo evocava a proteção da família, das crianças, da ordem, da moral e da propriedade privada. Tratava-se de um discurso de bases misóginas e LGBTfóbicas por admitir apenas *um* modelo de família, versando sobre o papel "natural" da mulher dentro de um ambiente familiar, doméstico e cis-heterossexual. Esse discurso foi utilizado durante o processo de impeachment da ex-presidenta Dilma e favoreceu as práticas neoliberais impostas pelas reformas do Governo Temer e a consequente diminuição de serviços ofertados pelo

Estado. Já encontrava, no então deputado Jair Bolsonaro, um representante das intolerâncias às minorias sociais.

O bilhete em alusão a Bolsonaro (Imagem 1) fez, por si só, a ligação entre o discurso conservador de um estudante secundarista e a figura pública que representava esse discurso mais proeminentemente em 2016. Nesse sentido, ainda que o projeto tenha sido encerrado há 7 anos, seus resultados ainda fornecem material para reflexão sobre a investida neoconservadora contra pautas sociais impreterivelmente políticas que são as pautas feministas e as teorias que buscam desnaturalizar noções de sexo, gênero e sexualidade. Entendemos que a ofensiva contra a pauta de gênero foi uma questão aglutinadora fundamental para o avanço do neoconservadorismo no Brasil com o apoio popular.

O pânico moral, como evidenciado neste estudo, foi estrategicamente mobilizado para fazer avançar pautas conservadoras. Esse cenário favoreceu propostas dessa natureza retrógrada, potencialmente fascistas, como o Escola Sem Partido, em seu clamor a favor das "crianças" e contra o perigo que representava a falácia, amplamente difundida, da ideologia de gênero. O projeto CineDebate demonstrou como a escola se torna um microcosmo que reflete e, por vezes, amplifica esses momentos de tensão social e política. É, portanto, possível analisar eventos do passado em confluência com o que se observa no presente, não no intuito de advogar a favor de tentativas de previsão social, mas para refletir sobre os caminhos percorridos para se alcançar determinados fins, conscientemente ou não.

Não abordamos, neste artigo, a influência do neopentecostalismo nesse cenário, ainda que ela não deva ser ignorada quando se busca compreender o neoconservadorismo e seu espaço dentro das escolas. "Qual a influência das igrejas na mentalidade dos(as) jovens?" Não foi uma pergunta que buscamos responder. O dado que possuímos, contudo, atesta que a religião dos(as) 'antagonistas' é tão diversificada quanto poderia ser. Contudo, se aludimos ao cenário nacional para entender a objeção da qual tratamos, nada mais coerente que apontar como relevante o fato de que o nacional vem sendo influenciado pelo crescimento do número de pastores evangélicos fundamentalistas em cargos políticos relevantes no governo. Neste artigo, optamos teoricamente por um outro caminho, sem, todavia, desprezar a aproximação entre religião e política que vemos acontecer no Brasil há alguns anos.

É crucial ressaltar, no entanto, que apesar das manifestações de antagonismo observadas, o projeto também gerou impactos positivos significativos. Como detalhado ao final do texto, a maioria dos(as) estudantes que participaram das sessões de exibição aprovaram os filmes da grande temática de gênero, especialmente no que tange à abordagem de questões de gênero e sexualidade. Esta maioria expressiva demonstra que, para a maior parte dos participantes, a atividade não apenas foi bem recebida, mas também serviu como um importante instrumento educativo, promovendo reflexão crítica e empatia.

O caráter político deste texto e das intervenções educacionais — como o projeto de extensão aqui debatido — justificam-se intrinsecamente às suas atividades. Por um lado, a extensão universitária tem caráter intervencionista e de aplicação prática do conhecimento que é cientificamente produzido dentro das universidades; e por outro, escrever não é uma atividade neutra. A escolha do objeto sobre o qual se escreve, o recorte que se irá buscar, a trajetória de vida de quem escreve: todos esses fatores estão presentes em um texto acadêmico. Quando tratamos de minorias sociais e suas conquistas — direitos e espaços — um texto científico será impreterivelmente político e situado. E um texto que se pretende feminista não pode trilhar outro caminho.

REFERÊNCIAS

A PESTE da Janice. Direção: Rafael Figueiredo. Produção: Sabrina Campanella. Intérpretes: Sandra Alencar; Juliana Borges Rocha; Mariana Vellino; Yarsin Tedesco; Gabriela Marques Iablonski; Fernanda Maurici; Micaela Rocha. Roteiro: Cristina Gomes. Porto Alegre: Santa Rita Filmes, 2007.

A VISITA. Direção: Leandro Corinto. Produção: Marcelo Ferrarini; Beatriz Tanner; Fabio Martins. Intérpretes: Marcelo Ferrarini; Fernanda Ferrarini; Leandro Vieira; Kayky Gonzaga; Kaiki Luciano. Roteiro: Leandro Corinto. [S. l.]: Equipe 20, 2014.

ALTMANN, E. Olhares da recepção, a crítica cinematográfica em dois tempos. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 611-622, set./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/WM4sBLrzkk7G63cS434W8kg/#>. Acesso em: 4 dez. 2024.

ARRIGHI, G. Globalização e macrosociologia histórica. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 20, p. 13-23, jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/HB7nMGdB5Xg6xYkRNsgWfQK/>. Acesso em: 4 dez. 2024.

BALIEIRO, F. F. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cadernos Pagu**, [s. l.], n. 53, p. e185306, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Kttd5GkPYPjH69DZxw6VcL/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 4 dez. 2024.

BATISTA, N. C. S.; ATEM, L. M.; GEMELGO, F. A. K; GONÇALVES, L. J. M.; NOLASCO, L. R.; REGO, R. O. Escola Sem Partido e Ideologia de Gênero: reflexões sobre a educação e a luta pela construção de uma sociedade justa. **Revista Gestão & Políticas Públicas**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 162-178, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/147234>. Acesso em: 7 out. 2024.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BIROLI, F. Quem ganha com a onda ultra-conservadora que ameaça

a democracia no Brasil? **Portal Geledés**, São Paulo, 28 out. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/flavia-biroli-quem-ganha-com-a-onda-ultra-conservadora-que-ameaca-a-democracia-no-brasil/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BIROLI, F. Reação conservadora, democracia e conhecimento. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 61, n. 1, p. 83-94, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/145515>. Acesso em: 4 dez. 2024.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In*: BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 39-64.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 4 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em: 16 maio 2021.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASTRO, L. M. C. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPED, 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/inicio.htm>. Acesso em: 10 dez. 2004.

DIDI-HUBERMAN, G. Quando as imagens tocam o real. Tradução de Patrícia Carmello; Vera Casa Nova. **PÓS**: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 206-219, 30 nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454/12311>. Acesso em: 4 dez. 2024.

EVOLUÇÃO da Família. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (43:38 min). Publicado pelo canal Café Filosófico CPFL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=74uaghoxns>. Acesso em: 10 jul. 2021.

FEDERICI, S. **Mulheres e caça às bruxas**. São Paulo, Boitempo, 2019.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 58-78, jan./abr. 1999. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781999000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 4 dez. 2024.

FRESQUET, A. **Cinema e Educação**: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora da escola". Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GEERTZ, C. Os usos da diversidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 13-34, maio 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/7Wdq4bkgMgjhnQftjCYsRZz/>. Acesso em: 4 dez. 2024.

GONÇALVES, J. “Queimem a bruxa!” Visita de judith butler provoca manifestações nas ruas de São Paulo. **Intercept Brasil**, 7 nov. 2017. Disponível em: <https://theintercept.com/2017/11/07/judith-butler-bruxa-manifestacoes-sao-paulo-ideologia-genero/>. Acesso em: 7 out. 2024.

MELLO, F. C. A. Antropologia e escola: uma reflexão sobre a educação para a diversidade sexual e de gênero a partir do cine-debate. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 31., 2018, Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília, DF: ABA, 2018.

MELLO, F. C. A.; CARDOSO, M. G. C. Cinema, gênero e escola: uma reflexão sobre o trabalho feminino com estudantes. In: MUNDO DE MULHERES E FAZENDO GÊNERO, 13., 2017, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: UFSC, 2017.

MENDONÇA, H. Queermuseu: o dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. **El Pais**, 13 set. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html. Acesso em: 7 out. 2024.

PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. M. Da esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista. In: GALLEGO, E. S. (org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boi Tempo, 2018. p. 3-13.

REIS, T.; EGGERT, E. Ideologia de Gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/htcmPttvFjg4sb8rYT8CzPD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 out. 2024.

SANTOS, N. C. N.; FIAMENGUE, E. C.. A Falácia da “Ideologia de Gênero”: artimanhas neoliberais e o pânico moral para regulação de condutas. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, [s. l.], v. 5, n. 4, p. 327-343, 2023. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/720>. Acesso em: 7 out. 2024.

SCHIAVON, M. **Xadrez das Cores**. São Paulo: Marco Schiavon Produções, 2004.

SCHNEIDER, D. **Parentesco Americano**: uma abordagem cultural. Tradução de Rodrigo Gomes Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2016.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. **Sem parar**: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. [2020]. Disponível em: <http://mulheresnapandemia.sof.org.br>. Acesso em: 7 out. 2024.

SILVEIRA, D.; ALVARENGA, D. Taxa de desemprego entre mulheres atinge recorde de 17,9%. **O Globo**, 27 maio 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/05/27/taxa-de-desemprego-entre-mulheres-atinge-recorde-de-179percent.ghtml>. Acesso em: 7 out. 2024.

SOCORRO Nobre. Direção: Walter Salles. Produção: Mini Kerti. Intérpretes: Frans Krajcberg, Socorro Nobre, Maria do Socorro Nobre, Franz Krajcberg. Fotografia: Walter Carvalho. Roteiro: Walter Salles. Rio de Janeiro: VideoFilmes, 1995.

SPBANCARIOS. Mulheres são as mais castigadas na pandemia. Sindicato dos bancários, 15 mar. 2021. Disponível em: <https://spbancarios.com.br/03/2021/mulheres-sao-mais-castigadas-na-pandemia>. Acesso em: 7 out. 2024.

NOTAS

- ¹ Artigo apresentado ao Departamento de Ciências Sociais (DECISO) como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para a conclusão da graduação no Curso Bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), em 2021.
- ² A matéria pode ser vista em Silveira e Alvarenga (2021).
- ³ Dados de acordo com matéria publicada pelo SPBancários (2021).
- ⁴ Relatório completo pode ser acessado em Sempreviva (2020).
- ⁵ Sobre esse assunto, ver Federici (2019).
- ⁶ A matéria está disponível em Gonçalves (2017).
- ⁷ A matéria está disponível em Mendonça (2017).
- ⁸ O Supremo Tribunal Federal reafirmou a inconstitucionalidade do projeto Escola sem Partido em 2020, disponível em: <https://cpers.com.br/em-nova-decisao-stf-reafirma-inconstitucionalidade-do-projeto-escola-sem-partido/>. Acesso em: 9 jul. 2021.

Fernanda Carvalho de Azevedo Mello

nandacmello@hotmail.com

Doutoranda em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Mestra em Antropologia - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, Pernambuco (PE) – BRASIL

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4932-7894>